



## **O Mundo Fora de Foco: Ensaio sobre Comunicação, Corpo e Cultura<sup>1</sup>**

Ana Cecília Aragão Gomes<sup>2</sup>

Josimey Costa da Silva<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, Natal

### **Resumo**

Este artigo trata-se de um ensaio sobre a cultura, a comunicação e o corpo frente a um cenário em que um imperativo é a velocidade, o movimento, os excessos de informações, de imagens em que a todo o momento nos engolem e nos impedem de voltar um instante o olhar para o interior de nós mesmos e, então, reencontrar os sentidos e o próprio corpo. Abordaremos neste ensaio as relações sócio-culturais e comunicacionais que o cenário contemporâneo tem imposto ao ser e a cultura.

**Palavras-chave:** Comunicação; Cultura; Corpo; Olhar; Imagem; Imaginário.

### **Cenário Cultural**

Nesta transição de séculos, nos deparamos com um cenário em que o movimento é um imperativo. O efêmero, o vazio, a crise e a complexidade aparecem constantemente para falar sobre o presente; em que o paradoxo é uma condição imposta ao ser e a cultura. Presenciamos uma cultura extensiva, sem fronteiras, que age na superfície por meios instrumentalizados, e, ao mesmo tempo, uma cultura que se hibridiza, que é capaz de tomar emprestado, de difundir, de juntar componentes díspares, circulando-os e os recompondo permanentemente.

Temos um cenário em que concorrem tempos e espaços diversos. Cenário que conta com a pluralidade cultural, as hibridações e as culturas tradicionais, possibilitando os pontos de fuga e os pontos de negociação. No entanto, aqui, estamos interessados em entender quais os efeitos que essa cultura extensiva tem trazido para os corpos que absorvem e aderem suas condições.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT – Comunicação e Culturas Urbanas, do Inovcom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: anacecilia\_ag2@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Professora Orientadora. Doutora em Ciências Sociais pela PUC/SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Email: josimey@digizap.com.br



Uma dessas condições é a geração de configurações frágeis, vulneráveis ao embaralhamento das mensagens e expostas aos efeitos de poder, difundida pelas grandes indústrias culturais, porém em permanente concorrência com as culturas locais, tradicionais que possuem matrizes mais fortes e mais consistentes.

Hoje enfrentamos o que Balandier (1999) chama de “Era do olhar”. Uma Era do excesso, da superfície, do desgaste dos nervos psíquicos, de sensação de apatia, de uma experimentação destituída de sentido, da economia afetiva, da construção e espetacularização do corpo e do empobrecimento das experiências. Para Balandier, refletimos sobre o que vimos e não sobre o que sentimos.

A intensidade do instante substitui o vivido, o experimentado mais longamente, mais significativamente. A velocidade cria uma artificialidade emocional, mantém uma febre que ilude a duração. O movimento, a rapidez e os excessos dificultam escapar ao domínio dessa cultura extensiva, de voltar um instante o olhar para o interior, de si mesmo, e, então, reencontrar os sentidos e o próprio corpo.

Em busca da velocidade, os corpos e as máquinas expressam sua ambição de acelerar suas funções. Para Denise Sant’anna (2001), o aerodinamismo dos costumes e das aparências se casou harmonicamente com a valorização do automatismo e da juventude, com a emergência dos “cabelos de seda”, fáceis e rápidos de pentear; com uma beleza sintética de rostos isentos das marcas do tempo e do fortalecimento da intolerância ao peso e a toda espera.

O corpo se modifica e torna-se aerodinâmico. “A depilação de pernas e axilas e dos cremes anti-rugas; modismos que acentuam a aversão aos relevos epidérmicos e a toda superfície que não seja um convite ao toque efêmero e ao passeio rápido do olhar”. (SANT’ANNA:2001; p.44)

### **Corpo e Comunicação**

Nesse cenário, pretendemos fazer uma reflexão sobre a importância do corpo na comunicação e para a vinculação social, trazendo à tona sua dimensão sócio-cultural. O corpo aqui é visto como uma antena. Como uma ponte. Como uma matéria aberta sensível. Como elemento do vínculo. Como mídia primária que capta e expressa a história dos indivíduos e da cultura que estão inscritos nos sujeitos.



Para Michel Serres (2004), o corpo federaliza os sentidos e é através deles que chegamos ao conhecimento, pois tudo passa pelo corpo. O corpo imita, armazena e lembra. É nosso primeiro suporte da memória e da transmissão, conseqüentemente, de comunicação e de vinculação social. O corpo imita as coisas diretamente. As coisas passam pelo corpo e pela imitação chegam a ser suportes e, assim, esvaziamos nossos esquemas corporais nas aparelhagens que se transformam em economia de gesto, posturas e movimentos, receptáculos de comportamentos objetivados.

Outro autor que pensa a relação entre corpo e vinculação é Ashley Montagu. Para ele, o corpo é uma perspectiva da cultura e precisamos abordá-lo de vários aspectos, com o recuso da biologia, da sociologia, da antropologia, da psicologia, da etologia, da filosofia.

O corpo é o modo de relação com o outro. Quando duas pessoas se encontram, elas trocam uma infinidade de informações. Acontece aí um intenso processo de comunicação por meio de inúmeros vínculos, canais, relações conexões e linguagens. Trocam informações visuais, olfativas, auditivas, táteis. Trata-se de um processo de comunicação extremamente complexo através dos sentidos. Pois isso, o corpo é o elo que gera e proporciona vínculos. No entanto, esta mídia possui um limite temporal e espacial, já que exige a presença, o tempo e o espaço do aqui e do agora.

Para Montagu (1988), quanto mais educados, mais distantes e separados. Quanto mais educados, normalizados, domesticados pela “civilização”. Mais trocamos com o outro pelos sentidos da distância (visão e audição) e menos pelos sentidos da proximidade (tato, paladar e olfato). Atualmente, a dimensão humana encontra-se constringida. No cenário de movimento e velocidade, deixamos sempre um sentido fora e, ao deixarmos qualquer um dos sentidos de fora, perdemos as dimensões de nossa realidade.

Para Dietmar Kamper (2002), o corpo é submetido a uma global abstração social, de maneira a funcionar simultaneamente em acordo e desafio com essa abstração. Para ele:

“O projeto da civilização voltado para um distanciamento cada vez maior, repressão e normalização da vida corpórea visando-se produzir contribuições produtivas e instrumentais sempre mais elevadas, seja no campo prático, seja no campo teórico, parece não ter proceder posteriormente. A incorporeidade potencializada pela terceira revolução das forças produtivas encontra claramente resposta em uma multiplicidade de formações simbólicas e sintomáticas do corpo, as quais reportam de novo o jogo a verdadeira força



produtiva; por outro lado, isso ‘condena’ antes de tudo a reflexão”. (KAMPER: 2002; P.05)

Todo organismo estabelece com o meio trocas constantes (interior/exterior). É por meio do corpo que o ser realiza suas trocas, tanto simbólicas quanto materiais, com seu meio e, assim, se vincula ao outro. O vínculo diz respeito ao comportamento e a linguagem, constituindo um sistema de aproximação entre os seres pela via da afeição, do corpo. Vínculo é tudo o que ata, liga ou aproxima intimamente. As relações de amizade, laços de parentesco, ligações amorosas formam vínculos que nascem de outros: a comunicação. Vínculo é nexos, aquilo que relaciona duas ou mais partes separadas e, por isso, também lhes confere um sentido.

Para Ciro Marcondes Filho (2005), sentir é perceber as coisas instalarem-se em nós. É aprender com elas. É nos desenvolvermos por meio delas. É nos tornarmos mais refinados, atentos, solidários com base no que a natureza e o mundo externo podem nos ensinar. Perceber o mundo é não distanciar-se das coisas para envolver-se com elas. É uma fusão: nós nos fundimos, nós nos dissolvemos no mundo.

Para Josimey Costa (2004), ligar-se afetivamente a qualquer ser humano, mesmo que temporariamente, é um ato cultural, ou seja, simbolizado e simbólico, que está imbricado aos fluxos físico-químicos do organismo humano. É também um ato comunicativo, pois a conduta cultural é um fenômeno que existe como um caso particular da conduta comunicativa.

Como o corpo é mídia primária e é por ele temos acesso ao mundo, o corpo serve de suporte para outras mídias, os aciona, as percebe e estende os seus sentidos através delas. Assim, o corpo se torna a realização dessa experiência e os sentidos são os agenciadores da vinculação que configura a existência social e os vínculos que se transformam em linguagem, códigos, leis, comunicação e sociedade.

**As imagens aparecem de dentro, não entram pelo olho.**

**O olho vê, a lembrança revê e a imaginação trasnvê.<sup>4</sup>**

A visão tem se tornado o sentido dominante. Tornamos-nos cada vez mais uma civilização da imagem. Tudo se pode ver. Estamos inundados de imagem, sufocados de tantas ilustrações, de tantas projeções, de tantas cenas, de tantos espetáculos, a ponto de não vermos aquilo que mais parecemos enxergar.

---

<sup>4</sup> Citação de Manoel de Barros, em depoimento para o documentário *Janelas da Alma*.



Com o iluminismo e seu lema de tornar visível tudo o que é invisível, não se podia vislumbrar as conseqüências imprevisíveis que a visibilidade potencializada traria. O poder da visibilidade torna-se cada vez mais invisível. Quanto mais vemos, quanto mais luz, mais invisibilidade, mais sombra. Obedece à idéia de que será perfeita apenas aquela observação que não for observável. Um observar sem ser observado. Invadir sem ser invadido. É a câmera que tudo vê mas não pode ser vista.

Estamos tratando aqui de dois tipos de imagem. Uma imagem técnica que se define como um objeto produzido pela mão do homem, em um determinado dispositivo, e sempre para transmitir a seu espectador, sob forma simbolizada, um discurso sobre o mundo real, uma representação da realidade. E uma imagem como certa existência; um meio caminho entre o dado e aquilo que se representa; um conjunto do que chamamos matéria. Uma imagem material da percepção do eu e do mundo. A imagem intrínseca do ser e do mundo, a qual temos uma imagem central: o corpo, que age sobre e percebe as imagens. Nós somos imagens no meio de outras imagens.

Olhamos para capturar, para prender. O outro nos olha, nos captura, cria em torno de nós seu segredo e isso nos incomoda. Todo olhar é condicionado culturalmente e biologicamente. O que vemos é constantemente modificado por nosso conhecimento, nossos anseios, nossos desejos, nossas emoções, pela cultura, pelas teorias científicas.

Tudo isso no domínio que tende a se distanciar pela abstração. Representa o real. Constrói em réplicas simbólicas no espírito. Quando entra a percepção, o ingrediente sensorial se impõe. O corpo permite não só a abstração, ele produz sensação. E isso é no dizer de Marcondes Filho, uma fusão de mundos:

Os estudiosos da percepção falam que a visão proporciona aos homens o ‘espetáculo do mundo’, mas sentir o mundo é diferente. Quando sentimos o mundo, nós não apenas vemos, nós apreendemos as qualidades. No mundo de apelos visuais, nós vamos até o mundo. É diferente quando fazemos o movimento inverso, quando deixamos o mundo entrar em nós. As coisas entram em nós, instalam-se em nós, produzem em nosso interior uma sensação de incorporação e mudança. (MARCONDES FILHO, 2005, p. 32)

No documentário brasileiro, *Janelas da Alma*<sup>5</sup>, dezenove pessoas com diferentes graus de deficiência visual falam como se vêem, como vêem os outros e como percebem o mundo.

---

<sup>5</sup> **Janelas da Alma**. Um filme sobre o olhar. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Documentário. 2002, 73 min., Brasil.



Um deles é o escritor José Saramago. Ele se refere ao mundo hoje como um parque de diversões do audiovisual em que as imagens e sons se multiplicam e nós ficamos cada vez mais perdidos. “Perdidos em primeiro lugar de nós próprios e em segundo perdidos na relação com o mundo. Circulamos sem saber nem o que somos, nem para que servirmos, nem qual sentido tem a existência. Estamos numa cegueira da razão, estamos cegos da sensibilidade”.<sup>6</sup>

Para Eugen Bavcar, cego, fotógrafo e filósofo francês, que também dá seu depoimento no documentário, diz que vivemos em um mundo que perdeu a visão. A televisão já nos propõe imagens prontas e não sabemos mais vê-las, não vemos mais nada porque perdemos o olhar interior, perdemos o distanciamento. Estamos em um período de cegueira generalizada.

Tanto Saramago como Bavcar, em suas falas, parecem se colocar fora desse mundo, pois eles são pessoas que, apesar de estarem nesse mundo de excessos de imagens, não perderam seus olhos internos. Esses cenários descritos por eles são visíveis, no entanto nem todos nem tudo adere e vive nesses excessos de tempo e espaço.

Pessoas comuns que estão fora do cenário *fast*, com sua cotidianidade familiar e convivência de bairros, desmascaram depoimentos absolutos sobre esse cenário descrito por Saramago. Segundo Jesus-Martim Barbero (2006), a cultura no bairro não é oficial, não é propriedade de ninguém, é um modo de ser, viver e morrer. A rua e a praça ainda são lugares de encontro, de trabalho, de jogo e de conversa. As pessoas trocam diariamente olhares e afetos. Eis um ponto de fuga.

Os olhos não servem só para ver. Também servem para cruzar os olhares e intercambiar os nossos afetos. O bailado dos olhares e das palavras, perfeitamente sincronizado, utiliza o espaço entre os corpos. O ritmo das trocas permite encaixar os locutores. Só, então, o corpo do outro será permitido.

Tudo está codificado. Muito antes dos sons que permitem a palavra, os nossos outros sentidos participam na conversão em sinais do mundo percebido. O mundo humano modelou-se lentamente a partir da argila das emoções: foram precisos corpos para desejar, sentidos para coexistir e palavras para conquistar o tempo.

---

<sup>6</sup> Depoimento extraído do documentário **Janelas da Alma**.



## **O imaginário vítima das imagens<sup>7</sup>**

George Balandier, no livro “Dédalo”, escreve que estamos em um planeta imagens (múltiplas imagens) que nos são expostas excessivamente e diariamente. E sua eficácia reside no poder que elas têm de nos fazer acreditar. Ainda segundo ele, a imagem difere da palavra do texto, pois tem uma capacidade expressiva própria. A imagem põe o poder em jogo, não é neutra, nem frágil ou puro objeto de deleite. É mensageira que atribui sentido.

Por que as imagens nos fazem acreditar? Talvez seja pela sua ligação com o inconsciente, com a imaginação. Segundo Jacques Aumont (1993), o efeito de realidade da imagem é produzido no espectador pelo conjunto dos índices de analogia de uma imagem representativa. Como também, por uma indução ao espectador por um ‘juízo de existência’, que, sobre as figuras representativas, atribui-lhes um referente real, ou seja, o espectador acredita não que o que vê é o real propriamente, mas, que o que vê existiu, ou pôde existir no real.

A discussão acerca da imagem técnica nos remete a dois pensadores alemães que discutiram a problemática da técnica no início do século XX: Walter Benjamin e Günter Anders.

Walter Benjamin se debruça em compreender como as novas formas de perceber interferem no próprio homem e no cenário urbano em que está destinado a viver numa era da multiplicação, da imagem de massa. Para ele, houve uma dramática substituição da mão (experiência) pelo olho (observação). A tecnologia da imagem seria um instrumento potencialmente capaz de ampliar o poder do homem de perceber a si próprio e de representar o seu mundo.

Günter Anders se preocupou com os temas das técnicas, das imagens, do desaparecimento do único, da televisão e da nova forma de fazer política e história. Ele pensou a força da técnica na segunda metade do século XX e trouxe a ideia do “mal-estar da técnica”, remetendo ao “mal-estar na cultura”, de Freud. Na qual nos angustiamos por não sermos como as máquinas. E por um desespero de imitação incorporamos de alguma forma, a irresponsabilidade das máquinas, sua ausência de

---

<sup>7</sup> Subtítulo utilizado por Balandier no quarto capítulo do livro “Dédalo. Para finalizar o século XX”.



pressupostos éticos, seu existir puro e simples sem nada questionar. Passaríamos a desejar a inexistência do medo que as máquinas pressupõem. As máquinas não são autônomas e também assim os homens querem viver: sem compromissos éticos, sem responsabilidade com o outro, sem medo.

Para Anders:

“Os aparelhos nos marcam, não há como escapar. Nenhuma tecnologia é neutra, todas as máquinas provocam, de uma forma ou de outra, mudanças em nós, independentemente de seu uso. E também nos obscurecem, apesar de parecerem nos iluminar: através delas as pessoas se acham esclarecidas, mas não percebem que nada vêem”. (ANDERS, 1994)<sup>8</sup>

Para ele, é a torrente de imagens que promove a perda do mundo, o que cria uma insólita situação no homem contemporâneo, que é a do total paradoxo: ser e não ser, tomar o real por irreal e o irreal por real, ver o único somente da perspectiva da série, estar sempre oscilando entre atividade e passividade, sem ser nenhum dos dois. Medialidade é um novo estado em que se fica permanentemente no meio, na indeterminação, no vácuo.

Frente a esse cenário, o visível determina a verdade. A exclusividade da visão pela exclusão dos sentidos que atribuem o pensamento ao sensível e às suas explorações mais arriscadas, mais incertas. As imagens reforçam seu efeito pelo excesso, abundância e repetição, pela onipresença. A relação da imagem com o acontecimento e com a temporalidade está subvertida; o primeiro só tem força como momento midiático (seqüência de imagens), a segunda tende a se retrair em proveito do imediato e do efêmero.

Percebemos uma crise da memória. A convivência da amnésia com a memória é o mecanismo fundamental do jogo praticado pela mídia – a qual, basicamente, constitui um imenso banco de dados que, aparente paradoxo, aposta permanentemente no esquecimento como condição básica para apresentar o velho, o já visto, como o sempre novo. A exaltação da novidade cria outro paradoxo: a produção de uma qualidade brutal e incessante de informações também produz a amnésia permanente.

Ainda sobre isso, para Oliver Sacks, neurologista e psicanalista, o ato de ver e de olhar não se limita a olhar para fora, não se limita a olhar o visível, mas também, o

---

<sup>8</sup> Trecho extraído de texto disponível na internet, no site: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom>. Sem números de páginas.



invisível (imaginação)<sup>9</sup>. E segundo Boris Cyrulnik (1997), o relato se bem feito é muito mais forte e mais emocionante do que presenciar o acontecimento. Podemos nos emocionar mais com as representações do que com o acontecimento em si.

“Uma simples representação possui um efeito emocionante muito superior às percepções. A encenação da morte do avô no cinema faz-nos deitar torrentes de lágrimas e perturba-nos infinitamente mais do que a morte no real. O cotidiano nunca é puro”. (CYRULNIK: 1997;P.199-200)

Assim, as técnicas consomem a natureza e as imagens proliferam por toda parte. São dessas imagens, de seu acompanhamento pelo fluxo de palavras e sons, de seus excessos, que procedem as configurações frágeis do mundo atual. Elas o formulam, o constituem em um *hipermundo*. Levam tudo e todos em seu movimento, abolindo a relação com a transcendência e ocultando as referências da realidade que orientam os percussos da vida.

No entanto, sempre produzimos imagens. Antes das técnicas de reprodução de imagem e das mídias eletrônicas, nós produzíamos nossas imagens através do olhar no momento em que nos fundimos com o mundo. A diferença, hoje, é que não somos só nós quem produzimos nossas imagens, contamos agora com uma série de técnicas de reprodutibilidade e de mídias de alto alcance que criam, recriam e copiam imagens incessantemente. Talvez, uma saída para escapar a esse *hipermundo* fosse, como diz Norval Baitello Júnior (2003), retornarmos, de vez em quando, à caverna para assim produzirmos nossas próprias imagens.

## Referências Bibliográficas

ANDERS, Günter. **Die Antiquiertheit des Menschen.** (I) Über die Seele im Zeitalter der zweiten industriellen Revolution. [O antiqüísmo do ser humano. Vol. I A alma na era da segunda revolução industrial]. Munique, Beck, 7<sup>a</sup>. ed, 1994. [Edição original: 1956]. Tradução de Ciro Marcondes Filho. Texto disponível no site: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom>

AUMOUNT, Jacques. **A imagem.** São Paulo: Papirus, 1993.

BAITELLO JR., Norval. As imagens que nos devoram. In: **Polifônicas Idéias: por uma ciência aberta.** Org. Maria da Conceição de Almeida, Margarida Knobb, Ângela Maria de Almeida. Porto Alegre: Sulina, 2003.

---

<sup>9</sup> Trecho de depoimento dado para o documentário *Janelas da Alma*.



BALANDIER, Georges. **Dédalo**. Para finalizar o século XX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido. O homem e o encantamento do mundo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

KAMPER, Dietmar. O corpo. In: **Cosmo, Corpo e Cultura**. Enciclopédia Antropológica. A cura de Christoph Wulf. Itália, Milano: Ed. Mondadori, 2002.

MARONDES FILHO, Ciro. **Perca Tempo**. É no lento que a vida acontece. São Paulo: Paulus, 2005.

MONTAGU, Ashley. **Tocar**: o significado humano da pele. São Paulo: Summus, 1988.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de Passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SILVA, Josimey Costa da. **No limite da traição**. Comunicação de massa, cinema e vínculos sociais. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP. 2004.